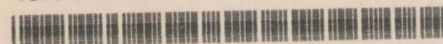


Centro de Memória - Biblioteca



CMUHE010156

— Ópera —

“Maria Tudor” com altos e baixos

J. ROBERTO GRASSI

A apresentação de gala de “Maria Tudor”, de Carlos Gomes, ainda que marcada por grandes contrastes, constituiu um espetáculo agradável, de nível até superior ao que seria lícito esperar-se, após tantos problemas quando os que a antecederam.

Um destaque negativo foi evidente: a presença de Eduardo Alvarez, como “Fabiano Fabiani”, que confirmou amplamente sua infeliz apresentação no papel de “Pinkerton”, quando da encenação daquela improvisada “Madame Butterfly”, preparada às pressas, exatamente para cobrir o claro deixado pelo adiamento de “Maria Tudor”. Uma voz de timbre acentuadamente metálico, desagradável, totalmente despida de interpretação, agravadas tais qualidades negativas pela ausência total de presença cênica. Uma apresentação que apenas serviu para dar maior realce aos personagens que contrataram com “Fabiano”.

O oposto, precisamente, ocorreu com Mabel Veleris, vivendo de forma muito convincente o personagem-título e brindando o público — muito reduzido — com uma apresentação de alto nível, cuja regularidade somente foi comprometida no 4.º ato. Uma linda voz de soprano dramático, a que apenas falta um pouco de tons mais graves, aliada a uma bela presença cênica, perfeitamente adequada a-a papel.

Adriana Cantelli dificilmente pode ser classificada como um mezzo-soprano, melhor situando-se na categoria dos sopranos dramáticos, inclusive pela facilidade evidenciada na emissão dos agudos que marcam o personagem de “Giovanna”. Teve, vocalmente, excelente desempenho, ao longo dos três primeiros atos, comprometendo sua apresentação no 4.º, quando a voz lhe faltou. Cênicamente, porém, foi demasiado es-

tática, notadamente nos duetos e cenas amorosas com “Gilberto” e com “Fabiano”.

É para nós motivo de grande satisfação, quando podemos tecer elogios a um artista nacional, especialmente se entendemos que o mesmo colocou-se no mesmo plano em que os melhores estrangeiros que, na mesma oportunidade, apresentavam-se. É o caso de Fernando Teixeira, a quem somente podemos endereçar as mesmas elogiosas referências feitas a Mabel Veleris, com o acréscimo de notarmos que manteve, ao longo de todo o espetáculo, o mesmo alto nível.

Wilson Carrara, porém, ficou muito aquém, pois foi apenas razoável, vocalmente, carecendo de expressão. É um artista que, por outro lado, necessita das maiores atenções do “régisseur”, dada sua pouca experiência cênica. E isso faltou-lhe, no papel de “Gilberto”, que viveu de forma pouco convincente, sem conseguir libertar-se de determinados cacoetes.

Luiz Orefice, Assadur Kiultzian, Leila Taier e Odnilo Romanini estiveram muito bem, sabendo manter a linha de discricção condizente com seus respectivos papéis, atuando com sobriedade.

Regência muito correta, do maestro Mário Perusso, conduzindo uma orquestra que se comportou de forma a merecer elogios jamais encobridos as vozes dos cantores.

A “reggia” de José Renato foi fraquíssima, respondendo pelo mau comportamento cênico de Wilson Carrara, especialmente e de outros integrantes do elenco que, carentes de experiência, foram sofrivelmente orientados.

Coral Lírico, sob regência do maestro Marcello Mechetti, com discreta participação, cabendo ao Ballet Magaly, com coreografia de Dennis Grey, a pior nota: medíocre.

Guarda-roupa muito bom de

Flávio Phebo, que também respondeu pelos cenários, regulares. Inteiramente inadequado o mobiliário do último ato, em nada condizente com a época.

• • •

O edital de concorrência para a promoção da Temporada Lírica Oficial de 1979 foi divulgado ao final da semana passada, trazendo em seu corpo aquelas condições básicas que já havíamos enumerado, com uma única alteração: ao invés de ficar o empresário obrigado a mandar confeccionar, por especialista brasileiro ou estrangeiro aqui radicado, cenários e guarda-roupas para uma das óperas, exigem-se para duas.

Tal exigência, efetivamente, tornou impraticável a realização da Temporada, visto que empresário algum manifestaria interesse em receber uma subvenção de 1,5 milhão de cruzeiros para montagem de um espetáculo, quando, somente para cumprir as exigências do edital, assumiria compromisso de dispendê-lo, só em cenários e guarda-roupas, o valor da subvenção ou mais, ainda, devendo cobrir todas as demais despesas exclusivamente com a receita da bilheteria.

Isto já foi ponderado o senhor secretário Sábio Magaldi, o qual já se comprometeu a reestudar o assunto, mediante a apresentação de comprovantes que possam demonstrar, por exemplo, quais os gastos reais para a confecção de cenários e guarda-roupas de “Maria Tudor”, aqui executados, que provariam a inviabilidade da exigência do edital.

Outro aspecto que foi ponderado a Sua Senhoria, resultando em um compromisso de atencioso exame, foi a sugestão que lhe encaminhamos verbalmente e que aqui transmitimos, no sentido de que também seja ampliado o prazo de realização da Temporada, aumentado-se o

número mínimo de récitas exigido para cada ópera, alterando-se as exigências a fim de fazer com que a metade das apresentações se faça com elenco inteiramente constituído por artistas nacionais.

Assim, por exemplo, se se fosse apresentar “Un Ballo in maschera”, em sete récitas, poderia o público apreciar a obra, em três delas, com elenco parcialmente composto por artistas estrangeiros e, em outras quatro, com elenco inteiramente composto por cantores nacionais.

É uma proposta que será interessante para o empresário vencedor, que se poderá ressarcir, ao apresentar o elenco nacional, de parte dos enormes gastos na contratação de artistas estrangeiros, ao demais de aproveitar, com os mesmos gastos, cenários e guarda-roupas alugados e de se ressarcir dos gastos para a confecção daqueles que devam ser aqui executados.

Para o artista nacional, é a oportunidade que terá de, enquanto assimila um pouco do que o artista estrangeiro possa lhe transmitir, ganhar também experiência, oportunidade de trabalho e se coloca, ao mesmo tempo, em condições de substituir um estrangeiro que, eventualmente, fique impossibilitado de apresentar-se, ao chegar sua vez.

Também o público sairá ganhando muito, pois, ao invés de uma curta temporada de dois meses, poderá ter uma de quatro, possibilitando-se, com isso, um acesso mais fácil a um número maior de amantes da ópera.

Temos condições de afirmar que essa proposta foi recebida pelo sr. Sabato Magaldi com simpatia, o que nos deixa esperançosos de que possamos ter, no próximo ano, algo um pouco melhor, em matéria de Temporada Lírica Oficial.